

**100 ANOS DE PAULO FREIRE: NAS ENTRELINHAS DA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA**
[PAULO FREIRE'S 100 YEARS: BETWEEN THE LINES OF BRAZILIAN
EDUCATION]

Thiago Henrique Barnabé CORRÊA

Doutor em Ciências pelo Instituto de Química da UNICAMP. Realizou aperfeiçoamento em Docência no Ensino Superior na Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Atualmente é Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).
E-mail: thiago.correa@uftm.edu.br

Resumo

No ano em que Paulo Freire completaria cem anos (2021), a vida e a obra do educador e filósofo pernambucano é considerada um dos maiores legados da história da educação do Brasil. É por meio do seu pensamento para o Outro, que sua obra, tecida no cotidiano, se materializa e dá sentido à sua teoria. Embora no contexto nacional (político-ideológico) Paulo Freire seja alvo de críticas, não se pode negar o fato de que suas ideias ainda alcançam grande repercussão, apresentando memorável prestígio, sobretudo no exterior, ao estar entre os três teóricos mais citados em trabalhos acadêmicos em âmbito global, além de ser estudado nas melhores universidades do mundo. Diante de um educador que semeou o direito de sonhar e ganhou voz e autoridade ao se posicionar contra um governo que silenciava, seu ideário de formação sempre foi direcionado à uma educação para a consciência, que visa a autonomia e a liberdade. Assim, o presente ensaio traz, em diálogo com a própria filosofia freiriana, uma humilde reflexão de suas ideias e discursos, demonstrando a pertinência e atualidade de sua produção intelectual.

Palavras-chave

Educação libertadora, Educação para a consciência, Centenário Paulo Freire.

Abstract

In the year that Paulo Freire would complete one hundred years (2021), the life and work of the Pernambuco educator and philosopher is considered one of the greatest legacies in the history of education in Brazil. It is through his thinking for the Other that his work, woven in everyday life, materializes and gives meaning to his theory. Although in the national context (political-ideological) Paulo Freire is the target of criticism, one cannot deny the fact that his ideas still achieve great repercussion, presenting memorable prestige, especially abroad, as he is among the three most cited theorists in academic works globally, in addition to being studied at the best universities in the world. Faced with an educator who sowed the right to dream and gained voice and authority by taking a stand against a government that was silent, his training ideas were always directed towards an education for conscience, aimed at autonomy and freedom. Thus, this essay brings, in dialogue with the Freirian philosophy itself, a humble reflection of his ideas and speeches, demonstrating the relevance and present of his intellectual production.

Keywords

Liberating education, Consciousness education, Centenary Paulo Freire.



INTRODUÇÃO

Vida longa a Paulo Freire...

No ano do centenário do educador e filósofo brasileiro *Paulo Reglus Neves Freire* (1921-1997), simples e popularmente conhecido como Paulo Freire, seu nome figura entre uma das maiores personalidades da história da educação na bivalência de sentimentos do século 21: amado por uns e odiado por outros. É justamente este *Outro* que dá sentido à sua obra de vida, e pelo *Outro* que sua teoria se dá a lume.

Longe de me equiparar à autores que exploram o trabalho de Freire com maestria, como Ana Maria Freire (Nita Freire), Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, Vera Barreto, Débora Mazza, Carlos Brandão e Jason Mafra, lanço-me ao desafio de trazer humildes teceduras deste inquieto e curioso pensador que, ao me apropriar de seu dizer, se tornaria em 2021 menos jovem (100 anos), mas, ao mesmo tempo, sempre jovem.

Atrelado ao desafio de estruturar este manuscrito, não posso deixar de ponderar o prazer em revisitar memórias, sobretudo quando fui apresentado às suas ideias em 2009. Para situar o lugar de onde falo, acredito ser indiscutível a necessidade de expressar a dimensão histórica e dialética por trás desse contato. Na qualidade outrora de licenciando em Química da Universidade Metodista de Piracicaba – lugar no qual Paulo Freire esteve, em 1983, durante o I Seminário Internacional de Educação Popular - SIEP (MORENO, 2012) –, tive a oportunidade de atuar como bolsista do Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular (NEPEP/UNIMEP) e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), sob a coordenação, na época, do Prof. Dr. Francisco Negrini Romero (*in memoriam*) e da Profa. Dra. Márcia Aparecida Lima Vieira, responsáveis por esta imersão literária. Ao trazer este período de vida, sou enfático ao afirmar que ler Paulo Freire foi um divisor de águas na minha trajetória acadêmica e na minha constituição profissional, gerando nos dias de hoje, como formador de professores e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM), um eterno sentimento de gratidão.

Foi a partir desse contato que o sujeito, Paulo Freire, contagiou o meu pensamento pedagógico, catalisando um processo de emancipação e uma transformação irreversível de inquietação acerca do propósito da Educação. Portanto, da gênese de formação em



uma área dita “dura” e “exata”, fui conduzido a indagar e a navegar em um oceano de incertezas, conforme afirma outro centenário, Edgar Morin. Foi com Paulo Freire, ainda, que reconheci que não saber faz parte do saber; e não saber é ponto de partida para saber mais.

Após este prelúdio, busco oferecer um tributo acadêmico ao mentor da educação para a consciência, pois por meio do referido educador, que não escreveu para professores ou alunos, mas, sim, escreveu para pessoas é que a corrente da Pedagogia Crítica passou a fazer parte dos pressupostos e do referencial teórico-metodológico de muitos professores, lugar onde me enquadro. Mesmo que a expressão “*santo de casa não faz milagre*” caiba, literalmente, em âmbito nacional, e a pedagogia libertadora de Paulo Freire seja mais valorizada lá fora do que em seu próprio “berço”, não se pode ignorar cem anos de um pensador do qual suas ideias ainda vivem.

Assim, comemorar o centenário Paulo Freire, no dia 19 de setembro, não é um mero ato de trazer à memória o espetáculo de sua vida e obra. É muito mais do que isso, já que se torna um convite à reflexão de nossa existência e a releitura de seus fundamentos epistemológicos e políticos. Fazer de Freire nossa centelha de revolução nada mais é do que defender o sonho de ser mais e melhor.

Para aqueles que não conhecem seu trabalho, creio ser difícil entender o seu valor e sua condição como um dos pensadores mais contagiantes da atualidade. Entretanto, meditar em Paulo Freire nos exige esforço, pois, nem sempre estamos preparados para *sentir na pele do mundo*.

PAULO FREIRE: VIDA E OBRA QUE SE ENTRELAÇAM

Nascido no Recife (PE), no dia 19 de setembro de 1921, a história revolucionária de Paulo Freire como professor perpassa a grande depressão econômica de 1929 e ganha robustez no final da década de 1950. Formado em Direito pela Universidade do Recife, Freire nunca exerceu a profissão de advogado, mas deixou seu legado na luta contra a injustiça; em outras palavras, na dignificação das pessoas.

Interessado pelos estudos de filosofia da linguagem, o que o levou a trabalhar como professor em uma escola de segundo grau lecionando língua portuguesa, a notoriedade do pernambucano se projeta em 1963 pela famosa experiência de Angicos, no Rio Grande do



Norte, ao ensinar trezentos adultos, a ler e escrever em quarenta horas, ao longo de quarenta e cinco dias.

O método proposto não seguia uma cartilha, mas partia do vocabulário, vivências e conhecimentos dos alunos. Para Freire, a alfabetização não pode ser reduzida ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. Assim, a alfabetização não se dá de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador (FREIRE, 1989; 1979).

Vale dizer que, a alfabetização era vista por Paulo Freire como uma dimensão além da capacidade de ler e escrever; como um direito ontológico e, neste, estaria imbuída a concepção de ser no mundo, ou seja, de compreender sua condição no mundo. Nesta visão, a educação é, então, chave para um contato analítico, de autêntica reflexão, que implica um constante ato de desvelamento da realidade que busca a emersão das consciências e resulta na inserção crítica da pessoa em sua história (FREIRE, 2003). É neste movimento que a transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica é adquirida, fundamentando a mudança que precede a transformação da realidade (FREIRE, 1986).

Nota-se que o valor da alfabetização para Paulo Freire está na palavra, de modo que é com ela que o homem se faz homem (FREIRE, 2005, p. 12). Como bem foi apresentado no prefácio da obra 'Pedagogia do oprimido' pelo filósofo Ernani Maria Fiori, o objetivo principal de uma educação libertadora é tornar a palavra instrumento por meio do qual o homem torna-se sujeito de sua história. "Se é pela palavra que o ser humano revela sua humanidade, é no diálogo que ele se encontra com o outro, completando sua humanidade" (GADOTTI, 2012, p. 459). Neste gesto, a palavra é um signo de comunicação, em que o diálogo permite sensibilizar o outro e, ao promover isso, os envolvidos neste processo mediatizador se tornam autores de sua própria conscientização.

Transitando pela história de vida de Paulo Freire, a Educação como Prática da Liberdade é a pedra angular da sua teoria, que ecoa em suas obras como conceito aglutinador. Obras que não foram por ele escritas sozinho, mas mediatizadas pelo mundo, por suas experiências e por pessoas como Elza Freire (primeira esposa) que deram vasão ao seu potencial intelectual por meio do amor, ajudando-o a ser de um menino conectivo a um homem do mundo. É importante pontuar que, Elza foi uma importante interlocutora de



Paulo, que fez questão de registrar em seus trabalhos e escritos, em forma de dedicatórias e citações, as contribuições de Elza para o seu pensamento e a sua prática político-pedagógica (SPIGOLON, 2009).

Da mesma maneira que seu trabalho nos ensina a reconhecer que o ser humano é fruto de uma história, Freire nos mostra que somos, também, autores desta:

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. [...] Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele (FREIRE, 2005, p. 53).

É nessa compreensão de incompletude que Paulo Freire não nos deixa uma teoria, um método, ou uma obra acabada, mas uma filosofia educacional ética e democrática, assim como, uma “leitura de mundo” que não é, mas está sendo construída na imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que ele criou (FREIRE, 2015, p. 293). Freire nos alerta, sobretudo, acerca da nossa condição de “estar no mundo” para “estar sendo” no mundo: agindo, participando e transformando (SOAVE; BARBIERI; ROSA, 2018). Na esperança do pensamento freiriano, “estar sendo é a condição, entre nós, para ser” (FREIRE, 2005, p. 33).

Talvez, pelas ideias apresentadas, o pensamento freiriano de uma pedagogia da libertação gere tanto asco, repulsão e pavor nos conservadores que, por motivos óbvios, defendem tanto o atual *status quo* (estado das coisas):

A disputa principal para Freire, então, na sociedade, torna-se a luta pela consciência e libertação dos oprimidos: uma luta eminentemente política. O resgate da vocação de ser mais, da superação do imobilismo e da consciência ingênua somente é possível com a ação política, numa disputa das relações de poder da sociedade. É a partir dessa constatação que o pedagogo brasileiro esboça seus princípios políticos (FERREIRA, 2014, p. 154).

Ao elevar meus olhos para a realidade em movimento, temo que a inclusão de palavras nos dizeres de Paulo Freire, assim como em sua real causa, seja impregnada por interpretações distorcidas e utilizada de tal maneira que se torne, conforme afirma o



argentino Ernesto Laclau, um significante vazio. Ou seja, uma banalidade pelo excesso de generalizações.

Freire não nos ensina a crer, mas a indagar. Digo isso, sobretudo, ao pensar que sua intenção jamais foi sacralizar uma teoria ou um método, de modo que seus textos e seu discurso evidenciam um ser em constante mudança e em processo de ressignificação ontológica. Paulo Freire foi mais do que um pesquisador, foi um intelectual disposto a submeter seus pressupostos ao que se tem de mais difícil: **o teste da prática**. Assim, ao longo de sua história e do pensamento nascido da vida (BARRETO, 1998) que este nos mostra que os referenciais teóricos não podem ser um leito de Procusto – modelador de realidades idealizadas –; Freire nos mostra que, no sentido epistemológico, é a prática real que legitima e dá vida a teoria.

O PRINCÍPIO HISTORIOGRÁFICO

Declarado, em 2012, como o patrono da educação do Brasil, por meio da Lei n.º 12.612, a menção ao título foi questionada e levada ao plenário da Câmara, em 2019, pelos então deputados Heitor Freire (PSL-CE) e Carlos Jordy (PSL-RJ). Em seu projeto de lei, este último sugeriu substituir o nome de Paulo Freire pelo do padre jesuíta José de Anchieta. Segundo o parlamentar Heitor Freire, “o modelo freiriano de educação é celebrado pela reversão, pela indisciplina e pela insubordinação do aluno perante o professor” (Agência Câmara de Notícias, 2019).

Desde a campanha do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, a teoria do educador pernambucano tem sido alvo de maciço ataque, sendo rotulada por uma parcela da população brasileira que, ora desconhece sua história e suas obras, ora se apropria de um discurso que visa culpá-lo pelas mazelas da educação nacional. Se hoje ansiamos pela busca de culpados pela dramática condição do sistema educacional, certamente, precisamos nos incluir como corresponsáveis por este contexto.

Posto que, o *‘efeito manada’* que o critica no Brasil seja calcado, majoritariamente, no desconhecimento de sua vida e obra, ressalte-se que o supracitado educador e filósofo usufrui de memorável prestígio no exterior, figurando entre os três teóricos mais referenciados em trabalhos acadêmicos no mundo (MAFRA, 2020), a citar seu livro *‘Pedagogia do oprimido’*, escrito em 1968, enquanto esteve exilado no Chile no período de ditadura militar no Brasil (1964-1985). Traduzido em mais de vinte e cinco idiomas, a



‘Pedagogia do oprimido’ é sua principal obra da teoria transformadora da educação, sendo referência permanente da educação popular (GADOTTI, 2012).

Atualmente, inúmeras universidades estrangeiras se dedicam a estudar as obras de Paulo Freire (Harvard, Oxford, Cambridge, Stanford, M.I.T., Princeton, Johns Hopkins, dentre outras), além de centros, escolas, diretórios e prédios – espalhados pelo Brasil, Finlândia, África do Sul, Áustria, Alemanha, Holanda, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Suécia –, serem batizados com o seu nome (BBC, 2019).

Lembrado ainda em um monumento público (*Efter badet*) localizado na periferia de Estocolmo (Figura 1), a escultura que, em 2006, gerou controvérsia política traz (da esquerda para a direita) Elise Ottesen-Jensen, Paulo Freire, Sara Lidman, Mao Tsé Tung, Angela Davis, Georg Borgström e Pablo Neruda.

Figura 1: Escultura *Efter badet*, em Estocolmo (Suécia).



Fonte: Acervo O Globo (s/d).

Já em contexto nacional, não posso deixar de citar a criação do Instituto Paulo Freire, fundado, em 1991, pelo próprio Paulo Freire e por Carlos Alberto Torres, Francisco Gutierrez, José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti e Walter Esteves Garcia, com sede em São Paulo; e o recém batizado prédio principal da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), agora chamado de Prédio Professor Paulo Freire (2019).

Em entrevista dada a BBC News, a pedagoga Eeva Anttila, professora da Universidade de Artes de Helsinque (Finlândia), afirma que “... a maior vantagem da metodologia de Paulo Freire é a abordagem anti-opressiva e não autoritária, a pedagogia

dialógica e respeitosa que ele promoveu” (BBC, 2019). À medida em que avançamos para uma república cívico-militar-teocrática (CHASSOT, 2020), as palavras expressas pela professora finlandesa são deturpadas por muitos que associam Paulo Freire a um modelo de ensino libertino. Entretanto, liberdade, na perspectiva freiriana, é a consciência da situação real vivida pelo educando (ROSSETTO, 2015), de modo que exercê-la é, também, exercer responsabilidade sobre ela.

Diante de um educador que semeou o direito de sonhar, e ganhou voz e autoridade ao se pôr contra um governo que silenciava, seu ideário de formação sempre foi direcionado para uma escola que zela pela autonomia (amadurecimento do ser para si) e pela liberdade de pensamento que, só é possível quando introjetada em si a liberdade de questionar (perguntar, duvidar e divergir); lugar este de esperança e solidariedade onde sonhar é possível e preciso; que concebe o aluno e o professor como seres cognoscentes em troca e sinergia.

Como bem explicitado pelo filósofo Mario Sérgio Cortella, que foi aluno de doutorado e orientando de Freire, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre 1992 e 1997, Freire não seria contra aqueles que o criticam, mas, certamente, seria contra as condições que negam o direito e a liberdade em criticá-lo.

Ao falar de Paulo Freire, precisamos, em um primeiro instante, demarcar a que tipo de educação ele se refere e defende. É na educação libertadora e anti-doutrinadora que sua teoria se alicerça, não como um mero método, mas como um olhar sensível e humanizado (de gente) que cria novas formas de viver e conviver (PIN; NOGARO; WEYH, 2016). Nesta visão, ao ler suas obras fica muito claro, que: 1. Não existe busca sem esperança; 2. Não existe educação sem sonho e sem utopia; sem pensar um mundo novo e um lugar diferente com pessoas diferentes. Já em um segundo instante, e mesmo após a sua morte, Freire nos impele a pensar: Que tipo de educação queremos?

A fim de discorrer sobre a conjuntura na qual vivemos, de modo a compreender minimamente a aversão de muitos às ideias de Paulo Freire em seu país de origem, é preciso ler a história com a lente do momento estudado e do projeto de educação em curso. Embora os trabalhos de Freire tenham sido escritos no século passado, suas palavras continuam atuais (HADDAD, 2019), pois, ao associar o contexto de quem o escreveu, relacionando-o com o nosso, percebemos que a relação dialética vivencial, texto-contexto-diálogo, é convergente (FREIRE, 2015, p. 297). Apesar deste parágrafo dar subsídio para a elaboração de uma tese, não é intenção deste ensaio construir uma extensa linha de



defesa ao educador; apenas me aproprio de suas ideias centrais como égide que se faz contra a ignorância e o aprisionamento da liberdade sobre o pensar. Afinal, dessacralizar teorias e governos também é um movimento dialético.

O que notavelmente se percebe é que o ponto central da concepção dessa massa que o culpa – estigmatizante –, reside na interpretação e na deturpação da natureza política da educação expressa em seus dizeres. Segundo Ecco e Nogaro (2015, p. 3528), “a dimensão política e a dimensão gnosiológica são características identificadoras da concepção e proposição didático-pedagógico-educacional de Paulo Freire”. Acerca das duas dimensões, esses autores consideram que ambas são inseparáveis no processo educacional. Enquanto a “leitura do mundo” e o desvelamento da realidade traduz a dimensão política; a “leitura da palavra” e, com ela, a leitura das elaborações humanas (dos conceitos), exprime a dimensão gnosiológica da educação. É neste sentido que Freire (1989) traz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e é com esta que se torna possível ampliar os horizontes do nosso olhar interpretativo sobre o mundo.

Nesse sentido, Ecco e Nogaro (2015) ainda pontuam que é preciso ver a Educação para além de um processo gnosiológico, como também, um ato político, uma vez que a diretividade está vinculada a uma prática educativa de conscientização, pois, conforme defendia Freire (1994, p. 163) “... não há prática educativa que não se direcione para um certo objetivo”. Somado ao exposto, Ferreira (2014, p. 154) defende que:

educar é um processo dinâmico no qual se expressa uma visão sobre o mundo, isto é, por meio dessa ação faz-se homens e mulheres usarem a palavra para entender o que os rodeia. Toda educação, então, por mais que se tente imbuir a tal ato um aspecto neutro, interfere na realidade, transforma-a; se isso transforma a realidade, e também as próprias relações entre sujeitos e suas condições de vida, não pode deixar de ser um ato político. Este processo pode ser democrático (como propunha o educador) ou, então, imposto (como é o caso da educação bancária). Por isso, Freire propõe uma educação que, ao invés de inculcar uma noção de mundo, parte diretamente da realidade dos sujeitos para buscar a sua libertação; esta educação, por isso, é chamada de “problematizadora”, porque propõe não somente uma visão crítica sobre a realidade, mas principalmente uma práxis que vá em direção ao ser mais, com a resolução dos problemas e conceitos sociais alienantes.

É nessa politicidade, cujo âmago expressa nossa base ideológica, que a educação se dá como um constante processo de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana (COSTA, 2015).



Engana-se quem atribui a Freire a ideia de um educador romântico; pelo contrário, há no legado freiriano um vasto conceito político-pedagógico a ser desmembrado e aprofundado. Assim, a dimensão política da educação está relacionada à intencionalidade do ato pedagógico e à compreensão daquilo que se faz: o que, por que, para quê e para quem:

[...] Essas perguntas que a gente se faz enquanto educadores, ao lado do conhecimento que é sempre a educação, nos levam à confirmação de outra obviedade que é a da natureza política da educação. Quer dizer, a educação enquanto ato de conhecimento é também, por isso mesmo, um ato político (FREIRE, 1982, p. 97).

Conforme apresenta Barreto (1998, p. 62), “... ao afirmar que toda educação é política, Paulo Freire fazia absoluta questão de dizer que ela não é partidária, uma vez que partidos políticos são organizações transitórias. Nesta visão, reduzir a educação aos limites partidários seria empobrecê-la”. Dessa forma, o pensamento de Freire sugere pensarmos ‘a que’ e ‘a quem’ está servindo a educação que se pratica.

Diante do apresentado, outra pergunta que devemos nos fazer é: O que torna a ato pedagógico um conhecimento tão poderoso? Possivelmente, a resposta para essa pergunta não esteja na educação como um ato de conhecer, mas, como uma Teoria do Conhecimento posta em prática (BARRETO, 1998), que permite, ao ser, se conhecer e se posicionar frente ao mundo e a realidade que o cerca.

Ao levantarmos a bandeira de uma educação de qualidade para todos, a qual gera conscientização e leva à emancipação (liberdade de ser, pensar e se posicionar) – onde assumo ‘ser’ como verbo de conexão, e ação aberta, inacabada e em movimento, portanto, em construção (CORRÊA, 2015; PAIVA, 2011) –, não há espaço para a neutralidade ou imparcialidade, à medida em que percebemos os mecanismos de exclusão e promoção de modelos sociais que concebem a educação como mera mercadoria.

Diante do apresentado, a educação é instrumento que liberta, mas situa. Assim, defender uma escola sem partido é incompatível com a pedagogia da conscientização, pois, conforme afirma Freire (1992, p. 78):

... não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a



verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama sua politicidade.

Ainda apoiado em Freire, defendo que a escola não é lócus de uma única ideologia, mas, de todas as ideologias (partidos, visões, crenças, costumes e posicionamentos de mundo, sejam convergentes ou não). É no discurso, na amorosidade, na alteridade, na indagação, na dúvida e na curiosidade que o movimento dialético se torna a energia propulsora da transformação da ecologia cognitiva. Ao buscar uma escola neutra, estaríamos endossando um espaço de anulação, sem histórias e sem vida. Assim, ao assestar os óculos rumo ao passado, em discursos saudosistas de uma escola “perfeita” e disciplinar, seria essa neutra e apolítica?

A fim de não tornar este manuscrito um enfado, escolho encerrar com o que inicialmente denominei de humilde tecedura. Na boniteza de sua exemplaridade e na meninez de sua curiosidade (ingênua e epistemológica), Paulo Freire foi/é, nas palavras de Nita:

... um pensador dialético, tanto no seu falar quanto no seu escrever, porque foi enquanto pessoa e homem apaixonado pelas pessoas e pela vida, autêntica e profundamente dialético. Pensava porque sentia. Sentia porque deixava seu corpo consciente falar por ele mesmo. Sentir e pensar, tentando sempre, dialeticamente, completar assim a sua incompletude. Incompletude, aliás, como um traço humano comum a toda e qualquer pessoa. Sua sabedoria e sua capacidade de pensar, sua tolerância e respeito pelo diferente, sua magnanimidade na crença no outro e na outra sua coerência existencial não nasceram com ele. Foram estas – como tantas outras qualidades pessoais e profissionais – construídas por ele mesmo na busca de sua formação pessoal com o mundo e de sua formação enquanto educador ético e político (FREIRE, 2015, p. 291).

Diante das palavras deste ensaio, creio que é possível começar a perceber o quão atual e contextualizador é o seu pensamento, tornando-se referência dentro de um conjunto de práticas e discussões que perpassam diferentes áreas do conhecimento. Da mesma forma, não posso deixar de dizer que sua obra se pauta na construção de valores humanos/sociais, como: a solidariedade, a escuta sensível e o diálogo, a justiça, e a liberdade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todo bom mestre, Freire deixa como herança o prazer de sua existência e a possibilidade de construirmos uma nova racionalidade e um novo *ethos* de convivência. Neste sentido, tomo a liberdade de dizer que difícil não é falar de Freire; difícil é viver Paulo Freire. Da mesma forma, reforço que o desafio que nos é dado não é de copiá-lo, mas ressignificá-lo e reinventá-lo em nossa cotidianidade.

Por conveniência, se é desejo tornar Paulo Freire réu, qual seria o seu delito? Alfabetizar? Promover sonhos? Defender a liberdade e a equidade? Embora seja mais fácil e cômodo associar Freire à desordem e à balbúrdia de ambientes de ensino, o que se vê, realmente, é a distância da visão de mundo freiriana, em sua essência, ao que realmente se faz em escolas e universidades.

Sendo assim, culpemos Freire pela ausência, mas não pela presença projetada nos espaços educacionais. Pois, se suas ideias fossem de fato internalizadas no “DNA” da práxis pedagógica, creio que teríamos uma educação solidária e inclusiva, que reconhece o aluno como um ser em potencial e, não, como um receptáculo vazio. Teríamos uma educação que faz do professor um profissional prático-reflexivo, o qual medita sobre o seu próprio mundo e concebe a escola, os alunos, o seu contexto e a si, como matéria-prima do pensamento e nicho de pesquisa em transformação. Teríamos uma educação como um processo ontológico e educativo que possibilita a constituição individual, cultural, histórica e social (FREIRE, 2005). De igual natureza, teríamos uma educação humanizadora que não forma a pessoa na ordem cruel da competição e seleção.

Ainda que o *ser livre* seja palco de grandes discussões e contradições, é importante salientar que liberdade não é algo a ser ensinado, mas é algo a ser conquistado, visto que “... não acontece por acaso, é preciso se pôr a caminho, em marcha, dá-se pela práxis e pela necessidade de sua busca. A busca da liberdade é uma tarefa histórica e concreta” (ROSSETTO, 2015, p. 79). Por tanto, a cada um de nós – em tempos aziagos, de pandemia e pandemônios que inoculam em nossa sociedade a *ausência de sentidos* “que anula, despreza, desqualifica e ironiza qualquer importância e prioridade dada aos sentimentos básicos de convivência e de respeito à vida” (REIGOTA, 2019, p. 2) –, cabe a luta: pelo sonho; pelo inédito viável; e pela liberdade de *serestar* em um mundo melhor. Afinal, mudar é difícil, mas não é impossível.



Em meio a incursão de gente que nega gente, 2021 nos revela que precisamos exercitar mais nossa humanidade, nossa amorosidade, nossa resiliência, nossa capacidade de escuta e revolução [transformação]. Ao comemormos, neste ano, o seu centenário, Freire resiste, e sua obra continua a reverberar em nós: corações que esperam, não no verbo esperar, mas no verbo esperar. Em outras palavras, **Paulo Freire vive!**

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Projeto revoga lei que declarou Paulo Freire patrono da educação. Reportagem: Janary Júnior. Edição: Wilson Silveira. *Câmara dos Deputados*, Brasília, maio. 2019 (27/05/2019). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/558470-projeto-revoga-lei-que-declarou-paulo-freire-patrono-da-educacao/>. Acesso em: 14 out. 2020.

BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BBC NEWS. *Paulo Freire: como é visto no exterior o legado do educador brasileiro*. Reportagem: Edson Veiga, Eslovênia, jan. 2019 (12/01/2019). Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2019/01/12/paulo-freire-como-e-visto-no-externo-o-legado-do-educador-brasileiro.htm>. Acesso em: 14 out. 2020.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. *A Educação como Arte de Sonhar*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2015. v. 1. 88p.

COSTA, José Junio Souza da. A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. *Theoria*, v. 2, n. 18, p.72-88, 2015.

CHASSOT, Attico. Republicueta cívico-militar-teocrática. *Blog do mestre Chassot* (09/10/2020). Disponível em: <http://mestrechassot.blogspot.com/>. Acesso em: 12 set. 2020.

ECCO, Idanir.; NOGARO, Arnaldo. A educação em Paulo Freire como processo de humanização. *Anais do XII Congresso Nacional de Educação*. p. 3523-3535, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. 100 ANOS DE PAULO FREIRE: NAS ENTRELINHAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. p. 107-121



FERREIRA, Gabriel Pompeo Pistelli. A ação política em Paulo Freire: uma introdução sobre o processo de libertação e organização dos oprimidos. *Revista Florestan (UFSCar)*, v. 01, p. 153-173, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/53>. Acesso em 28 nov. 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio-ago., 2015

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 36.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In. BRANDÃO, C. R. (org.) *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, p.89-101, 1982.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. Por que continuar lendo Pedagogia do Oprimido? *Revista de Políticas Públicas (UFMA)*, v. 16, p. 459-461, 2012.

HADDAD, Sérgio. Política, educação e atualidade do pensamento freiriano. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. Dossiê - Paulo Freire: O Legado Global, v.35, 2019.

MAFRA, Jason Ferreira. O manuscrito da Pedagogia do Oprimido e a criação transcultural de Paulo Freire. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 29, p. 387-401, mai./ago, 2020.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. 100 ANOS DE PAULO FREIRE: NAS ENTRELINHAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. p. 107-121



MORENO, Elizandra. *Educação Popular: a presença de Paulo Freire na Unimep.* (Dissertação Mestrado) Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 2012.

PAIVA, José Maria de. Educação. *Educação e Filosofia (UFU. Impresso)*, v. 25, p. 269-288, 2011.

PIN, Silvana Aparecida; NOGARO, Arnaldo; WEYH, Cênio Back. *Formação de professores na perspectiva freireana: dizer o mundo e aprender/ensinar o mundo.* Educação, v. 41, n. 3, set./dez, 2016.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. *A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar...e mata.* Mesa redonda 'Paulo Freire: educação e política no enfrentamento do obscurantismo. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2019.

ROSSETTO, Tania Regina. Como princípio a liberdade: apontamentos e controvérsias na concepção pedagógica de Paulo Freire. *Anais do VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação*, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/PERSPECTIVAS%20FILOSOFICAS/COMO%20PRINCIPIO%20A%20LIBERDADE%20APONTAMENTOS%20E%20CONTROVERSIAS.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.



SOAVE, Cláudia; BARBIERI, Simone Côrte Real; ROSA, Geraldo Antonio da. Cuidado do ser em Freire: dimensão ontológica do ser mais na educação. *Revista do NESEF: filosofia e ensino*, v. 7, p. 49-60, 2018.

SPIGOLON, Nima Imaculada. *Pedagogia da convivência: Elza Freire - uma vida que faz educação.* (Dissertação Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.



CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. 100 ANOS DE PAULO FREIRE: NAS ENTRELINHAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.18, N.2, 2021, p. 107-121.

Recebido: 09/2021
Aprovado: 10/2021